

## Adalbert de Vogüé: o monge, suas obras e seus arquivos<sup>1</sup>

Dom Ghislain Lafont, OSB\*

TRADUÇÃO: FREI ANDRÉ TAVARES OP\*\*

Minha contribuição às atas deste dia de estudos será modesta. Eu não tenho nenhuma competência na área dos senhores, que era a mesma de Dom Adalbert de Vogüé. Mas seu falecimento repentino e doloroso, em outubro de 2011, conscientizou sua comunidade sobre a importância de recolher seu legado de erudição. Ele deixava para trás os três volumes inéditos da parte grega de sua “História literária do monaquismo antigo”; ele também deixava, naturalmente, vários de seus textos a organizar; e, enfim, ele havia escrito, durante a última parte de sua vida, uma longa autobiografia, e diversas memórias sobre sua família: também tudo isso precisou ser recolhido e receber uma

---

<sup>1</sup> O presente artigo é a contribuição, em forma de comunicação, do autor ao colóquio *Érudition et vie monastique au XXe siècle: l'œuvre du Père Adalbert de Vogüé (1924-2011) et sa réception* (“Erudição e vida monástica no século XX: a obra de Dom Adalbert de Vogüé (1924-2011) e sua recepção”), organizado pela Escola Prática de Altos Estudos da Sorbonne, em Paris, no dia 7 de abril de 2016. As atas deste evento foram integralmente publicadas pela *Revue Mabillon* [n.s., t. 28 (=t.89), 2017, p. 57-64]. Agradecemos a gentileza de Dom Ghislain Lafont, o autor, e da Sra. Nicole Bériou, diretora da publicação, por haver autorizado a publicar a presente tradução na revista “Coletânea” (nota do tradutor).

\* Dom Ghislain Lafont, OSB é monge da Abadia *Sainte-Marie de la Pierre-qui-Vire*, em Saint-Léger-Vauban.

\*\* Frei André Tavares OP é frade do Convento *Saint-Jacques*, em Paris. E-mail: [a.tavaresop@yahoo.com.br](mailto:a.tavaresop@yahoo.com.br)

forma definitiva. Pelo fato de que sou contemporâneo de Dom Adalbert, eu havia acompanhado de longe sua vida e seu trabalho. Meu abade me pediu, portanto, mesmo que eu não seja nem de longe especialista no monaquismo antigo, de classificar os textos, editar os escritos inéditos e dar forma definitiva a seu “Eucharistikon” – o que tentei fazer do melhor modo possível. Portanto, apresentar-lhes-ei o trabalho feito.

Se me permitem, irei inverter a ordem indicada no título desta comunicação, e falarei primeiramente dos arquivos (de modo mais geral, do que foi preciso colocar em ordem após o falecimento do autor), depois, da gênese de sua obra, antes de dizer algumas discretas palavras sobre o homem, seguindo assim o conselho de Santo Agostinho: *Ab exterioribus ad interiora*; mas, pode ser que seja mais correto dizer em relação ao último termo: *ad superiora*.

### Os arquivos

Os textos possuem uma história: após 30 anos de vida em comunidade, Dom Adalbert passou a viver em um eremitério; ele levou então seus papéis consigo. Após cerca de dez anos em um eremitério, ele se mudou para outro, tendo ocorrido, assim, uma nova mudança. Finalmente, no último eremitério, houve um acidente: tendo uma árvore caído sobre o teto, provocando desordem e inundação, vários papéis foram destruídos, estragados pela água. Dom Adalbert voltou, nesta época (quer dizer, nos primeiros anos deste século) à comunidade; ele continuou a trabalhar, mas não se preocupou com a transferência de seus arquivos para o mosteiro. Como ele conservou esses arquivos, de uma mudança a outra? Eu não sei. Uma primeira triagem de papéis foi feita em seu eremitério após o acidente, com diligência e respeito, por um padre universitário, amigo da comunidade, e depois tudo foi levado ao mosteiro. Após sua morte, eu tentei fazer a triagem com um pouco mais de cuidado, classificando, separando em caixas. O grande problema era o de jogar fora ou não algumas coisas: rascunhos manuscritos de modo ilegível; notas tomadas em função de cursos a serem dados, quase ininteligíveis, a não ser para seu autor; textos datilografados, com duas ou três vias. Por outro lado, outros textos – por exemplo, os rascunhos nos quais foram preparados os diversos tomos de sua “História Literária” – devem ter sido por ele destruídos, pois não encontrei nenhum traço deles, a não ser os do último

volume. Fomos um pouco ajudados, para fazer esse trabalho, por algumas listas: Dom Adalbert a cada dia anotava o que fazia, mas para si mesmo, usando abreviações e rasuras. Além disso, ao longo de sua vida, parece que ele buscou adotar diversos sistemas de classificação, e alguns de seus papéis trazem vários códigos, sem que seja possível saber a que eles fazem referência (ao menos para um não-arquivista como eu!). Enfim, temos agora um armário para os livros impressos em diversas línguas e diferentes caixas para os manuscritos, correspondências, separatas etc, que foram classificados em função do tema que emergia. Mas não existe um catálogo detalhado. A análise e a classificação desses arquivos poderia ser um tema de dissertação de um estudante da *École des chartes*<sup>2</sup>.

### A “História Literária” – parte grega

Dom Adalbert havia começado esta parte de sua obra no início do ano 2000, e pôde enviar dois tomos às Edições du Cerf, em 2006 e 2007. Mas ele não obteve um contrato de publicação. Há duas razões para esse fato: o editor estava em um momento difícil, a sede social havia mudado de lugar, uma política editorial para o momento de crise estava em estudo etc. Mas também, e sobretudo, os manuscritos não estavam em estado adequado para serem publicados; e os arquivos eletrônicos deveriam ser revistos com cuidado. De fato, o que Dom Adalbert havia enviado ao Cerf eram textos batidos à máquina de escrever, datilografados “à toque de caixa” por um monge secretário, sem, por exemplo, que as notas fossem ligadas eletronicamente aos seus respectivos números, que figuravam no corpo do texto. O editor não fizera nenhum trabalho com os manuscritos recebidos, nem pedira os arquivos eletrônicos. Foi então necessário retomar os textos datilografados, relê-los, corrigi-los, completá-los, a fim de fornecer um trabalho pronto a ser editado, o que precisou de muito trabalho. E como eu não tinha só isso para fazer, passei bastante tempo para terminar. Para o terceiro volume, foi preciso reconstituir o índice, ordenar os capítulos, verificar o texto com mais atenção. Como eu disse na introdução a esse volume, não

<sup>2</sup> A *École Nationale des chartes*, sediada em Paris, é uma prestigiosa instituição de ensino e pesquisa, que forma especialistas em ciências histórico-críticas, como a paleografia, a codicologia, a diplomática, a arquivística. A *École* foi criada em 1821, por Luís XVIII (nota do tradutor).

encontramos nem papéis, nem arquivos após o primeiro capítulo do estudo dedicado a Teodoro Studita, e o livro, por isso, termina aí. Nós sentimos, então, certa reticência da parte das Edições do Cerf a empreender a publicação, e compreendemos que levaria certo tempo para publicar os três volumes. Ora, parecia-nos que, Dom Adalbert não estando mais entre nós, esses deveriam ser publicados rapidamente: nós nos esquecemos rapidamente dos mortos! Assim, pensamos, com a ajuda de uma amiga de longa data de Dom Adalbert, a Senhora Mariella Carpinello, na coleção *Studia Anselmiana*, de Roma, que já havia publicado obras de Dom Adalbert, que eram, na verdade, grandes coleções de artigos. A acolhida foi imediata e sem titubeios da parte de Dom László Simon, o diretor, e ficou decidido que tudo seria publicado de uma só vez. A Editora EOS, do mosteiro alemão de Santo Otílio [Sankt Ottilien], assumiu os trabalhos, e eu pude, entre o final de 2014 e o início de 2015, trabalhar em estreita colaboração com o diretor Dom Cyrill Schaffer, que fala perfeitamente o francês e conhece bem as questões monásticas. O resultado é satisfatório: três belos volumes... É pena que, ao folheá-los, percebi que, apesar das correções realizadas ao se estabelecer os manuscritos, e aquelas feitas nas primeiras e segundas provas, ainda há erros! Eu me consolo dizendo a mim mesmo que mesmo o detalhista Dom Adalbert deixava algumas imperfeições passarem!

### “Eucharistikon”

Em 1987, Dom Adalbert escrevera suas memórias de infância, completadas por diversas lembranças em relação a seus pais, seus avós e alguns amigos queridos. O título exprime sua intenção: dar graças pelos primeiros quinze anos da sua vida, pois foi-lhe dado poder viver uma infância e uma juventude excepcionalmente felizes: ele mesmo fala de “15 anos de bênçãos”, 1924-1939 – de seu nascimento até o final de seus estudos secundários –, e as aproximadamente quarenta páginas que ele dedica a esse período é, a meu ver, uma verdadeira obra-prima literária, humana e espiritual. Dez anos depois, ele se comprometeu a continuar e se pôs a escrever, um pouco por dever, parece, possivelmente para pôr o restante de sua vida na mesma perspectiva de ação de graças que o começo. Ele o fez aos poucos, ao longo dos anos: o texto vai até 2004. Nós temos, portanto, um volume de 450 páginas, formato A4, que certamente será um documento importante para uma “Vida de Dom Adal-

bert” – se alguém pensa em escrevê-la – e para conhecer o ponto de vista bem fundamentado de um monge do século XX sobre a evolução da vida monástica em sua época.

Esse tema nos dá, primeiramente, várias páginas sobre a vida cenobítica e, depois, sobre a vida eremítica. Sobre esta última, na verdade, ele fala pouco: efetivamente, indicados o horário e as observâncias às quais ele foi escrupulosamente fiel, não havia nada a acrescentar. Essa parte “eremítica” é, pois, paradoxalmente, consagrada a contar suas viagens, seus encontros e suas publicações! Ela se interessa mais pelo erudito que pelo monge. A parte cenobítica é, em minha opinião, mais interessante, pois ali lemos sobre seus estudos superiores, sobre como ele foi levado a se interessar pelo problema “Regra do Mestre, Regra de São Bento”, e como sua existência, finalmente, passou-se em companhia de regras antigas. Também nessa parte se discorre sobre a vida monástica, porque estes anos cenobíticos foram também aqueles do Concílio, do pós-Concílio, das reformas levadas a cabo após o decreto de aplicação para os religiosos *Ecclesiae Sanctae* e... de maio de 1968. Dom Adalbert viveu tudo isso no Mosteiro de la Pierre-qui-Vire, e dá neste “Eucharistikon” sua apreciação, nem sempre favorável, a esses acontecimentos.

### O homem e o monge

Dom Adalbert era o terceiro filho do ramo mais antigo da grande família de Vogüé. Seu pai e seus avós eram ligados a antiga nobreza por laços de sangue, com uma impressionante qualidade de convicções cristãs e humanas. De seu lado materno, havia grande fortuna financeira e uma abertura cultural de alto nível. Logo, a vida era fácil, com belas residências em Paris, vários castelos no interior, todos os empregados necessários; para a formação das crianças, as melhores escolas e, em particular, um padre mais ou menos ligado à família e uma governanta inglesa. Tudo isso parece ter sido vivido de modo harmonioso, modesto e cristão, e a memória destes anos acompanhou Dom Adalbert por toda sua vida, tendo ele permanecido sempre muito próximo aos seus, sendo mesmo autor de numerosos textos sobre eles.

Nesse meio privilegiado, Adalbert, o menino feliz, era também, segundo suas memórias, alguém mais reservado, tímido, tendo uma verdadeira paixão pela leitura, mais à vontade quando estava só que quando estava em companhia de outros. Algumas vezes era um pouco duro em seus julgamentos, e sujeito

a momentos de medo e de inquietude dificilmente controláveis. Ele menciona também um sentimento de inferioridade que o lancinou por bastante tempo. Muito cedo – desde os dez anos de idade – sentiu o apelo de Deus e pouco a pouco se orientou à vida monástica, que ele abraçou aos 19 anos de idade. Seu temperamento mais solitário não era evidentemente estranho, não me refiro a essa vocação monástica, sobre a qual ele deixou páginas magníficas e convincentes, mas em relação às opções que ele tomou sobre a maneira de vivê-la, ao longo dos trinta anos de vida cenobítica (1944-1974) e os trinta anos de solidão eremítica (1974-2008).

As preferências culturais de Dom Adalbert, desde sua juventude, relacionavam-se à literatura e aos estudos literários, como sendo os mais propícios a entreter a busca de Deus que ele começara aos dez anos de idade. Antes de tudo, ele apreciava as línguas. O grego e o latim não apresentavam dificuldades para ele. O inglês era, desde sua infância, uma língua falada habitualmente. Depois, ele aprendeu o hebraico, o copta e o siríaco. Linguisticamente, ele não tinha dificuldades, o que facilitou os estudos que fez após. Ele gostava não apenas da crítica literal, mas também da literária. Cito aqui uma lembrança escrita por ele sobre “Fedra”, de Racine:

Era algo sobre “Fedra”, considerada como o termo de uma evolução religiosa que havia trazido de volta seu autor às suas primeiras convicções cristãs e jansenistas. Esta pesquisa me interessou bastante, ainda mais porque eu gostava de Racine e “Fedra” era-me familiar desde o início do ensino médio. Sob o paganismo do mito grego, encontrei sem dificuldades alguns temas cristãos, cujo afluxo anunciava a conversão que se iria operar na vida do dramaturgo. Esta dissertação manuscrita, eu gostaria de tê-la guardado, pois ela foi o primeiro trabalho que me proporcionou a alegria de ser pesquisador. Mas eu a dei no ano seguinte a um colega e a perdi. Eu também não conservei um estudo comparativo bem desenvolvido que fiz sobre “Fedra” e suas fontes, o teatro de Sêneca em particular. Disso tudo só me resta a recordação de uma pesquisa cativante, longínquo preâmbulo das pesquisas que um dia eu conduziria sobre os escritos dos antigos monges.

Como Dom Adalbert foi levado a estudar as Regras antigas? Antes de qualquer coisa, porque, conhecendo seus gostos e seus talentos, e considerando as necessidades da comunidade, seu abade pediu-lhe que se formasse em Patrística, no Instituto Católico de Paris. Seu primeiro amor foi Orígenes:

O verão de 1953 foi um tempo de descobertas excepcionalmente feliz. Eu li, em particular, o *Peri Archôn* de Orígenes, que me fascinou. A cada dia, eu assistia o desdobrar-se deste sonho magnífico. Postas as premissas, eu previa o que este espírito extremamente lógico deduziria e, de fato, algumas páginas adiantes, as consequências previstas ocorriam inesperadamente. Esta visão imensa e simples do mundo e da história, comandada pela inteiração de uma incansável Providência e da liberdade das criaturas espirituais, era para meu espírito um verdadeiro encanto.

Dois encontros posteriores tornaram-no sensível ao trabalho científico, que então começava, sobre a Regra de São Bento e sobre a outra, que se tornava ao mesmo tempo famosa e inquietante, aquela do Mestre. O primeiro, com Dom Basilius Steidle, monge beneditino de Beuron e professor no Santo Anselmo, em Roma, fervente admirador do monaquismo de Lérins. De outro lado, com o Padre Louis Bouyer, que não preciso apresentar-lhes, mas do qual eu pude testemunhar que exerceu um papel considerável na redescoberta pelos monges de sua tradição um pouco esquecida. Dom Adalbert pediu a este último para orientar a tese que ele deveria escrever. Colocaram-se de acordo em trabalhar sobre a Regra de São Bento. A determinação mais precisa do tema foi difícil, até mesmo dolorosa. Aqueles dentre nós que escreveram uma tese que prende não somente o intelecto do doutorando, mas também sua sensibilidade humana, afetiva, religiosa compreenderão facilmente! No final da narrativa desse período de sua existência, Dom Adalbert conclui:

Após as imensas perspectivas de Orígenes, eu me fechava nesse modesto campo das regras monásticas, no seio do qual o horizonte da vida eterna é sempre visível, mas onde movimenta-se em um círculo de preocupações práticas bem pequeno, onde abundam os detalhes os mais concretos. Às vezes, cheguei a suspirar, pensando na queda que eu tinha feito: deixar o grande pensador alexandrino para ocupar-me minuciosamente do pequeno legislador monástico do Ocidente. Entretanto, eu nunca me arrependi de verdade por essa descida, se o foi. A obra de São Bento e seu meio me preencheram. Estavam à altura de minhas competências e de minhas necessidades. Sejam dadas graças à Deus por esse caminho que então me abriu, e que me conduziu de modo seguro a aprofundar o sentido do serviço que ele esperava de mim, aqui embaixo.

Estamos todos perfeitamente de acordo – e o encontro desta jornada de estudos é suficiente para prová-lo – que o serviço que Deus esperava era também esperado pelos homens, e que a obra de Dom Adalbert não decepcionou aqueles que a esperavam. O sucesso dessa obra está parcialmente

ligado ao fato de que Dom Adalbert praticou voluntariamente uma forte ascese intelectual, no sentido de que, parece, ele se proibiu de fazer qualquer outra pesquisa ou visita aos campos da inteligência ou da arte que não pertencessem rigorosamente a seu domínio de pesquisa: as regras monásticas. Este rigor permitiu-lhe adquirir e comunicar um imenso saber sobre o tema. Se me permitem arriscar uma apreciação, eu diria que há, possivelmente, um reverso nesta medalha. Temo que isso tenha limitado um pouco a envergadura de seu julgamento. Tratando-se de autores antigos teria ele, sem dúvida, aumentado sua percepção, desde que se permitisse a longas leituras dos filósofos gregos e latino, frequentemente eles mesmos bastante ascéticos, e se ele houvesse se comunicado com seus pares, especialistas na Antiguidade tardia. Penso, por exemplo, em Pierre Hadot, Paul Veyne, Lucien Jerphangnon e até mesmo Michel Foucault, que tem um longo capítulo sobre a *ἐγκράτεια* em sua “História da Sexualidade”. Dom Adalbert poderia, penso eu, tentar situar os monges, cujas obras ele estudava em suas vidas concretas e na história religiosa e política da época deles. Nesse sentido, o anti-modelo seria sem dúvida o Frei André-Jean Festugière, cuja imensa cultura faz ainda hoje a alegria do leitor, mas lhe falta uma firmeza de percepção monástica análoga àquela de Dom Adalbert. O ideal estaria, sem dúvida, em algum lugar entre os dois.

Dom Adalbert muito partilhou seu saber, mais por senso de dever que por gosto. Ele nunca fora tão feliz que quando sozinho. De fato, entre 1965 e 1990, ele viajou o mundo inteiro, ou quase: Irlanda, Inglaterra, Estados Unidos, Brasil, para citar somente alguns países, sem contar, durante dois períodos bastante longos, uma temporada de ensino anual, de seis semanas, no Ateneu beneditino de Roma, o Santo Anselmo etc. Em geral, ele não participava de congressos. Quando era indispensável ir a um ou a outro, ele dava sua conferência, mas nem sempre proporcionava a seus colegas a honra de escutá-los, pois a solidão chamava-o. Salvo raríssimas exceções, não fazia turismo algum. Contudo, aceitava com prazer dar cursos nos mosteiros, tanto nos femininos quanto nos masculinos, porque queria que os monges de hoje conhecessem seus Pais, e se inspirassem em sua doutrina e exemplo. Mas o ritmo de suas andanças foi-se diminuindo ao longo dos anos.

Sua relação com seus pares e colegas era, em certo sentido, dupla: não faltam testemunhos sobre sua cortesia, sobre sua gentileza nas ocasiões de encontro, seu caráter serviçal quando colocava à disposição seus imensos conhecimentos. Mas, quando se tratava do campo científico, ele se revelava um polemista belicoso, como puderam perceber outros grandes eruditos que pesquisavam sobre



os mesmos temas que ele, como Jean Gribomont, Armand Veilleux, Eugène Manning, François Masai, Francis Clarke... Seus ataques sem concessão, no entanto, não alteraram suas relações, o que é um sinal da qualidade pessoal, seja de Dom Adalbert, seja de seus adversários no momento. Inversamente, o prefácio ao segundo tomo da edição do “Comentário ao Livro dos Reis”, de Pedro de Cava, comprova um belo espírito científico: ele reconhece o caráter apócrifo da atribuição deste texto a Gregório Magno, o que ele outrora havia defendido.

Sua relação com a comunidade do Mosteiro da Pierre-qui-Vire era discreta. Penso que ele a amava visceralmente, e algumas dedicatórias de seus livros no-lo mostram. Ele era grato pelo fato de que o mosteiro lhe assegurava a “logística” de sua vida: biblioteca, alimentação, roupas, datilografia de seus textos etc, sem a qual ele não teria podido viver sua vida de eremita nem de erudito. Mas ele mantinha as distâncias rigorosamente, o que era indispensável à sua vida de eremita; além disso, ele não admitia as evoluções que distanciavam o mosteiro de certas práticas que para ele eram essenciais à vida monástica. Todavia, aos poucos, ele se foi pacificando em relação a isso. Quando ele voltou à comunidade, em 2008, adotou plenamente a observância em vigor, tal como era.

Quanto à espiritualidade de Dom Adalbert, o que o fazia viver, ele a resumiu em uma página que escreveu a alguns jovens monges do Vietnã, em novembro de 2004, e que eu gostaria de ler para vocês:

Aos jovens monges do Vietnã,  
palavras de um velho monge da Pierre-qui-Vire, que passou trinta anos na vida comum e trinta anos na vida solitária:

São Paulo disse:

“A vontade de Deus é que vocês sejam santos” (1 Ts 4, 3).

“Sejam sempre alegres

orai sem cessar,

em tudo dai graças!” (1 Ts 5, 16-18).

São Bento diz:

“Amar o jejum” (RB 4, 13)

“Desejar a vida eterna de todo seu desejo espiritual” (RB 4, 46)

“observar-se-á se ele buscar a Deus verdadeiramente,

se ele se aplica com dedicação na obra de Deus, na obediência, nos opróbrios” (RB 58, 7).

E para terminar:

“Não preferir absolutamente nada a Cristo” (RB 73, 11).

Que assim seja, com a graça de Deus, para vocês e para mim!

f. Adalbert

Dom Adalbert praticou o máximo possível o “Orai sem cessar”. A cada manhã, ele escolhia no ofício litúrgico uma curta frase, tirada da Escritura, que ele recitava ao longo de todo o dia, em hebraico ou em grego. Nessa prática, ele se inspirava em Cassiano e na repetição do “Vinde, ó Deus, em meu auxílio”. Ele interrompia regularmente suas longas horas de estudo para encontrar um contato mais direto com Deus. O “Sejam sempre alegres” era um incentivo que ele se dava, para vencer a reserva um pouco triste que era parte de seu temperamento. Ele praticou o “jejum” de maneira exemplar, ou seja, essa prática fazia parte de seu estilo de vida: o jejum é algo que se aprende, pratica-se, e que se torna um elemento habitual da vida. Creio que, assim como a oração noturna, ele é melhor praticado em um ambiente de vida solitária que cenobítica. Durante os três ou quatro últimos anos de sua vida, que ele passou novamente na comunidade, ele parou completamente de jejuar, e nós pudemos ver que ele tinha um bom apetite. Quanto ao desejo da vida eterna, ele certamente o animou. Ele poderia ter feito seu um lema de Gregório Magno: *cælum, non solum*<sup>3</sup>. Ele costumava pensar na vida eterna e escreveu um livro a este respeito<sup>4</sup>.

Dom Adalbert raramente sorria. Ele o fazia, sobretudo, quando se lhe fazia um favor; então, seu sorriso era impressionante. Eu me lembro que um dia, perto do final de sua vida, ele veio à biblioteca buscar uma referência e não a encontrava. Ele me pediu para ajudá-lo e quando eu lhe dei o que desejava ele me disse obrigado sorrindo. Eu tive verdadeiramente a impressão que o Céu estava em seu sorriso!

É-me agradável terminar por aqui.

Tradução recebida em 12/06/2018 e aprovada para publicação em 21/06/2018

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v17i33-2018-9>

### Como citar:

LAFONT, Dom Ghislain. Adalbert de Vogüé: o monge, suas obras e seus arquivos. Título original: Adalbert de Vogüé: le moine, son œuvre et ses archives. Tradução: Frei André Tavares OP. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 167-176, jan./jun. 2018. Disponível em: <[www.revistacoletanea.com.br](http://www.revistacoletanea.com.br)>.

<sup>3</sup> Neste jogo de palavras, ao menos duas traduções são possíveis: “O céu, não a terra” ou “Não somente o céu” (nota do tradutor).

<sup>4</sup> Referência ao livro *Désirer la vie éternelle: l'espérance hier et aujourd'hui*, de Dom Adalbert de Vogüé (Bégrolles-en-Mauges, Editions Monastiques, 1995) – nota do tradutor.